

# **PERNAMBUCO E SUA CULTURA: uma experiência decolonial com a disciplina eletiva no novo ensino médio em uma escola semi-integral do Recife-PE**

PERNAMBUCO AND ITS CULTURE: a decolonial experience with elective discipline in the new high school in a semi-integral school in Recife-PE

**Marcela Cristina Gonçalves de Melo**

[maahmeloo@gmail.com](mailto:maahmeloo@gmail.com)

**Nielson da Silva Bezerra**

[nielsonbezerra@recife.ifpe.edu.br](mailto:nielsonbezerra@recife.ifpe.edu.br)

---

## **RESUMO**

Este artigo discute a implantação de uma disciplina eletiva, construída no contexto do Novo Ensino Médio (NEM), em uma escola de referência do governo do estado, em Recife, Pernambuco. O NEM surge como uma resposta curricular a diversos problemas sociais no país, num contexto de repressão aos movimentos sociais e de falta de diálogo entre as universidades e a sociedade civil organizada. A disciplina foi nomeada "Pernambuco e Sua Cultura" e inclui aspectos ambientais da geografia da cidade do Recife. Adotou-se uma perspectiva pós-colonial desde o planejamento, passando pela execução, até a sua culminância, com ricos debates que envolvem questões, como: ancestralidade, origem do povo brasileiro, valor da cultura popular, resistência pernambucana e religiões afro-brasileiras. Conteúdos, como: Movimento Manguebeat e as ideias de Chico Science; maracatu, rural e nação; variações do coco; ciranda; cavalo marinho; frevo; e artistas contemporâneos do estado despertaram a reflexão e o interesse de vários alunos pela cultura local, o que expressa a importância de uma disciplina como essa, principalmente enquanto movimento contra-hegemônico à colonização de ideias e formas de expressão.

Palavras-chave: Educação ambiental e cultural; Novo Ensino Médio; Decolonialismo.

## ABSTRACT

This article is an experience report of an Elective built in the context of the New High School, in a reference school of the state government in Recife, Pernambuco. The NEM, emerges as a possibility in relation to several problems in basic education, mainly school dropout. The subject designed by the teacher was named "Pernambuco and its Culture", also linking environmental aspects of the geography of the city of Recife. A post-colonial perspective was adopted from planning, through execution to its culmination, with rich debates involving issues such as ancestry, origin of the Brazilian people, the value of popular culture, resistance Pernambuco, even Afro-Brazilian religions when passing through content about the Manguebeat Movement and the ideas of Chico Science; Rural and nation Maracatu, variations of Coco, Ciranda, Cavalinho, Frevo and contemporary artists from the state. By awakening the reflection and interest of several students in the local culture, the importance of a discipline like this is expressed, mainly as a counter-hegemonic movement to the colonization of ideas and forms of expression.

Keywords: Environmental and Cultural education; New High School; Decolonial;

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com o diagnóstico apresentado em 2016 pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2016a) e pelo Tribunal de Contas da União (BRASIL, 2015), os principais problemas enfrentados na educação básica naquele contexto estavam relacionados à evasão escolar, que atingia 17% dos estudantes no ensino médio. Com 1,7 milhão de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola, os motivos estavam ligados à falta de interesse, necessidade de trabalho e geração de renda, dificuldade de acesso à escola e outros motivos.

Outros fatores, como a falta de 32 mil professores em escolas públicas de ensino médio (BRASIL, 2015), baixo desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e pouco investimento por aluno em comparação a outros países também agravaram a situação, evidenciando os piores indicadores de aprendizado na educação básica

(AGÊNCIA CÂMARA NOTÍCIAS, 2016).

Diante disso, o Ministério da Educação (MEC) propôs a reforma do ensino médio (BRASIL, 2016a), alterando a Lei n.º 9.493/1996, especialmente, no que tange às Diretrizes e Bases da Educação Básica (BRASIL, 1996) a qual, além de regulamentar o funcionamento e definir os objetivos do sistema de educação do país, previa a necessidade de uma Base Comum para a Educação Básica em seus currículos. Essa iniciativa somou-se ao Plano Nacional da Educação (PNE), Lei de nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014), a qual estabeleceu como meta a renovação para o Novo Ensino Médio (NEM), com vistas a interdisciplinaridade, flexibilidade curricular, ampliação da oferta para educação em tempo integral e suporte ao desenvolvimento do protagonismo juvenil.

É importante salientar que, apesar deste não ser o foco do artigo, compreende-se que a forma e a

intencionalidade como se realizou essa reestruturação, especialmente no tocante à repressão aos movimentos sociais, à falta de diálogo com a comunidade acadêmica e com a sociedade civil como um todo, o processo teve início no contexto do pós-impeachment da então presidenta Dilma e transcorreu em caráter de urgência no Senado. A reforma foi aprovada logo em uma das primeiras sessões dos senadores na volta do recesso, e sancionada, logo em seguida, pelo presidente em exercício Michel Temer (SILVA; BOUTIN, 2018). Outro ponto essencial do contexto dessa reforma refere-se a sua total dissociação das principais questões que fundamentam sua propagada necessidade, ou seja, os graves problemas sociais que assolam a população brasileira em sua maioria, e em especial, a juventude pobre e preta desse país.

É neste contexto que é aprovada a Lei n.º 13.415/2017 (BRASIL, 2017) que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e estabelece mudanças curriculares para enfrentar problemas sociais. Dentre essas mudanças, a ampliação do tempo mínimo do estudante na escola, de 800 para 1000 horas anuais, gerou maior pressão para a adoção pelas escolas dos regimes de tempo semi-integral e integral, mesmo que não fosse obrigatória.

Além disso, definiu uma nova organização curricular mais flexível, que contempla a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com oferta de diferentes itinerários formativos aos estudantes, que possibilita um foco maior em áreas de conhecimento e formação técnica e profissional específica. O objetivo, segundo o MEC à época, é garantir uma educação de qualidade que respeite a realidade dos

estudantes, principalmente no que se refere às demandas futuras do mundo do trabalho.

A BNCC se coloca como um dos instrumentos principais nesse processo, ao nortear a reelaboração dos currículos de referência das escolas, sejam elas públicas ou privadas. É um documento que normatiza o conjunto de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo das etapas da educação básica.

Tomando este parâmetro, o novo currículo se complementa entre a Formação Geral Básica (FGB), respeitando a BNCC, e os Itinerários Formativos (IF), que se voltam às áreas de maior identificação dos alunos, organizadas a partir de áreas do conhecimento e formação técnica e profissional. A carga horária mínima no NEM passa a ser maior, saindo de 2.400 horas para, pelo menos, 3.000 horas. À FGB destinam-se 1.800 horas, isto é, 60% do currículo; e, aos IF, no mínimo, 1.200 horas, ou seja, 40% do currículo (BRASIL, 2016b).

Na FGB se inserem os componentes curriculares ditos convencionais e obrigatórios, como português, matemática e geografia, e projeto de vida, que visa auxiliar os estudantes a refletirem sobre o futuro e os caminhos que irão trilhar. Já os IFs correspondem às grandes áreas do conhecimento como Linguagens, Ciências Humanas, Matemática e suas tecnologias, e Ciências da Natureza. As disciplinas eletivas se encaixam como optativas, duram um semestre, são de escolha livre e não fazem parte necessariamente do itinerário que está sendo seguido, podendo ser de assuntos variados, aumentando o leque de possibilidades de conhecimentos acessados dentro do horário escolar (PINTO; MELO, 2021).

Diante do cenário apresentado, o presente artigo tem o objetivo de apresentar um relato de experiência vivenciado nas entranhas do novo ensino médio como forma de resistência decolonial e construção de alternativas práticas para a verdadeira melhoria da qualidade educacional neste contexto. A experiência pedagógica que vivenciamos foi construída numa Escola de Referência do Ensino Médio, pertencente à rede do governo do estado, no bairro da Boa Vista, Recife, durante o primeiro semestre de 2022. Nossa perspectiva decolonial permeou conteúdos culturais e ambientais considerados indissociáveis do estado de Pernambuco e de sua capital, Recife. Além de impulsionar o interesse dos discentes acerca de nossa cultura e meio socioambiental, contribuímos para a construção de um sujeito crítico, pautados nas ideias de Freire (1967, 1970, 1996).

## **2 UMA COMPREENSÃO DE EDUCAÇÃO**

### **2.1 (De)colonização de ideias**

Por muitos e muitos anos, o processo colonizador dos "países do norte", que estão deste lado da linha em desvantagem aos que estão do outro lado da linha (SANTOS, 2007), se consolidou, reproduziu e reproduz desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero, históricas, numa relação de dominação, dependência e opressão dos grupos estigmatizados, que não se resumem a condições econômicas, pois atingem a construção de conhecimentos, e questões políticas e culturais (SILVEIRA; NASCIMENTO; ZALEMBESSA, 2021).

Tratando-se da produção epistemológica, por exemplo, o etnocentrismo e o eurocentrismo sustentam a lógica da formação humana, privilegiando pensadores europeus os quais são considerados os detentores da verdade e que, de forma simbólica e efetiva, se impõem como as únicas legítimas e importantes na sociedade ocidental. Atrelado a isso, está o racismo na valorização do conhecimento e a supervalorização da branquitude, em um modelo de dominação social, econômica, cultural e ideológica (GROSFOGUEL, 2006).

Essa visão do colonizador se difunde e domina diversos campos da sociedade, estabelecendo-se como elemento central de hegemonia em nível mundial, evidenciando o padrão de dominação dessa visão na sociedade capitalista. É um contexto em que se força uma supremacia, uma superioridade, direta e subjetiva, em relação a outras formas de se viver e ver o mundo (QUIJANO, 2005).

Portanto, a condição de opressão às próprias formas de expressões pelos colonizados se torna uma condição de dominação cultural, gerada a partir do silenciamento das racionalidades locais. Essa realidade desqualificou, sufocou, reprimiu e inibiu o exercício de sua própria capacidade de criação e das manifestações culturais, locais e regionais, na África, Ásia e América Latina, no decorrer dos últimos séculos (MACHADO; SEVERINO; SANTOS; TAVARES, 2018).

É a partir do século XXI que se tem início a afirmação de uma outra ideia, uma nova possibilidade de mudança epistêmica, na qual se superam fronteiras para além do ocidente, a partir de diversos intelectuais latino-americanos. Centrado na valorização de um pensamento crítico que parte

dos historicamente subalternizados, começa a surgir um projeto teórico que vai de encontro às tendências acadêmicas dominantes (WALSH, OLIVEIRA; CANDAU, 2018).

Isso se deu pelo processo de conscientização dos povos locais, principalmente no que se refere à libertação do monoculturalismo de ideias e à afirmação de suas próprias identidades e criações culturais. Notada, por eles, a condição de alienação, tem-se, a partir daí, a atitude do questionamento, da reivindicação de sua existência pela própria voz. Pensadores dos continentes colonizados percebem uma grande possibilidade na filosofia da educação, quando praticada sob uma visão etnofilosófica, na qual adota-se uma postura discordante e de ruptura em relação ao eurocentrismo e sua hegemonia, quando se valorizam as próprias raízes e a pluralidade cultural que se configura nesses territórios, sem romper o diálogo com outras expressões culturais e considerando a perspectiva intercultural (MACHADO; SEVERINO; SANTOS; TAVARES, 2018).

A proposta teórica de Paulo Freire tem destaque nesses ideais pós-coloniais pela visão que expõe em muitas de suas obras. Ao falar sobre a importância de não dissociar política e educação, Freire põe em pauta a educação bancária e as estruturas de poder vinculadas, as quais se fortalecem dentro da sociedade colonialista, responsável por reforçar opressões, desigualdades e exclusão social (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2022).

Ao enxergar esse processo de dominação e alienação, o teórico busca evidenciar o ser humano para muito além de um ser estático, mas sensível, que pode e deve ser conduzido à

emancipação e consciência crítica da realidade em que está inserido. A educação, peça central nesse movimento, passa a ser defendida como uma saída, quando utilizada para a libertação, à humanização e em forte oposição a uma educação que perpetue a dominação dos homens. Partindo do engajamento político-social e do estímulo à consciência crítica, Freire incentiva uma ação-reflexiva transformadora, uma educação para a liberdade (FREIRE, 1967, 1970, 1997).

Em seu projeto pedagógico, Freire visa à problematização de temas antes não questionados, assimilados como naturais, partindo da análise crítica das situações-limites em que estão inseridos. Adotando uma perspectiva libertadora, busca perpassar essa ideia fatalista e imutável da realidade, como se os homens não fossem capazes de modificar o contexto de suas vidas. Ao estimular, a partir de sua pedagogia, o questionamento da estrutura opressora, coloca os estudantes também como parte importante e essencial, além de contribuir para a desconstrução dessa ideia mitológica. Assim, a postura antes fatalista pode dar lugar a uma percepção de sujeitos da própria história, mudança de atitude e novas possibilidades para que Sejam Mais (PENNA, 2014).

### **3 O FAZER DECOLONIAL NUMA DISCIPLINA ELETIVA**

Foi com um olhar pós-colonial e decolonial que compreende a educação ambiental e cultural indissociáveis, que se desenvolveu a disciplina eletiva “Pernambuco e Sua Cultura”, que atrela aspectos ambientais da geografia da cidade do Recife à sua riqueza multicultural. Tem o propósito de despertar o

conhecimento acerca de aspectos das formas de cultura locais, desde o Movimento Manguebeat, que completou 30 anos em 2022, às variações presentes no coco de roda, de umbigada e de praia; embolada; maracatu rural e nação; ciranda; cavalo marinho; e artistas contemporâneos da música pernambucana.

O componente curricular em questão foi todo programado nos moldes de uma experiência pós-colonial de educação. Ao ter acesso ao “cardápio” disposto pelos professores na Escola de Referência em Ensino Médio Luiz Delgado, os alunos das turmas de primeiro ano do NEM puderam escolher aquela com que mais se identificavam.

A Escola fica situada na Rua do Hospício, em frente ao parque 13 de Maio, no centro da cidade do Recife/Pernambuco. Por estar em uma área central, a escola acaba comportando estudantes de muitos municípios dentro da região metropolitana (Figura 01).

Figura 01 – EREM Luiz Delgado.



Fonte: a autora (2022).

Para o desenvolvimento da disciplina, que foi totalmente pensada e planejada pela professora responsável e autora deste artigo, utilizou-se a elaboração de Sequências Didáticas, que contribuíram para a organização do processo de ensino, com foco na aprendizagem, seguindo abordagem de informações de forma intencional (OLIVEIRA, 2013).

Foram realizadas inúmeras pesquisas e utilizadas fontes diversas para trazer as histórias de origem de cada uma das vertentes musicais apresentadas, tanto teoricamente como em documentários e vídeos do YouTube, além de convidado externo para apresentação. Na tabela abaixo, segue a quantidade de aulas dedicadas aos respectivos conteúdos vivenciados.

Tabela 01 – Planejamento prévio da eletiva “Pernambuco e sua cultura”.

Nº. de aulas	Conteúdos
Aulas 01 e 02	Pernambuco e sua localização estratégica; Composição populacional e sua diversidade; A resistência e revoluções pernambucanas; Uso de vídeo disponível no YouTube: "Pernambuco e suas revoltas".
Aulas 02 e 03	Origem da palavra cultura; Tradições e saberes populares; Patrimônio cultural; Patrimônio imaterial.
Aulas 04 e 05	Transmissão de filme disponível no YouTube: "Chico Science – um caranguejo elétrico"; Desenvolvimento de

	reflexões durante o andamento do filme.
Aulas 05 e 06	Movimento Manguebeat; O Recife, o mangue e o meio ambiente; Conhecendo melhor os idealizadores do movimento; Vídeos no YouTube com músicas de Nação Zumbi.
Aulas 07 e 08	Exposição dialogada sobre a origem do Maracatu e suas distinções: nação e rural; Mostra de vídeos disponíveis no YouTube: "MARACATU RURAL: conheça o Maracatu do Baque Solto"; e "Curta! Danças Regionais – Maracatu de Baque Virado – Aline Valentim"; Exposição sobre as diferenças no Coco – Vídeo disponível no YouTube (exemplo do coco de roda): "Curta! Danças Regionais – Coco de Roda – Isabela de Castro"; Participação de músico para explicar, na prática, as mudanças de ritmos.
Aulas 09 e 10	Exposição dialogada sobre Ciranda e sua origem: enaltecendo Lia de Itamaracá; Vídeos disponíveis no YouTube: "Por que precisamos falar de Lia de Itamaracá? – Ocupação Lia de Itamaracá (2022)" e "Lia de Itamaracá e ‘a ciranda no meio do mundo’".
Aulas 11 e 12	Exposição dialogada sobre o Cavalo Marinho, sua origem e os personagens que o compõem;

	Vídeo disponível no YouTube: "Vídeo de Candidatura Cavalo-Marinho a patrimônio imaterial 60".
Aulas 13 e 14	O FREVO pulsa em Pernambuco – sua história; Vídeo disponível no YouTube: "T01 E02: FREVO “Esse som é massa”".
Aulas 15 e 16	Músicas de artistas contemporâneos de Pernambuco; Uso de vídeos diversos do Youtube de artistas como Nailson Vieira, Karina Burh, Otto, Academia da Berlinda, Mundo Livre S/A, Banda Eddie, entre outros.
Aulas 17 e 18	Organização do cordel sobre o Protetor do Maracatu – Caboclo de Lança, e produção do “Livro-resumo” da disciplina.
Aulas 19 e 20	Culminância.

Fonte: a autora.

O desenvolvimento das aulas acima planejadas e a concretização dos conteúdos listados foram vivenciados com muita emoção e troca de saberes entre todos os envolvidos. Foi uma experiência de aprendizado mútuo, construída a muitas mãos. À medida que as ideias iniciais chegavam aos estudantes, a riqueza sociocultural de cada um acrescentava olhares, experiências, histórias pessoais e familiares que integravam novas cores a nossa vivência pedagógica. Estar aberto a esse “fazer coletivo” é a melhor forma de trilhar esse caminho.

## 4 VIVENCIANDO BLOCOS DE APRENDIZAGENS

A disciplina eletiva “Pernambuco e sua Cultura” foi dividida em blocos: 1) a Introdução, na qual buscou-se trazer informações referentes à formação populacional do estado, num esforço de desmistificar e ir além da narrativa do ‘descobrimento’, além de fortalecer a identificação dos alunos em relação ao lugar em que vivem. No segundo bloco, foram apresentados conceitos a respeito dos termos *cultura* e *meio ambiente*, desde os significados epistemológicos até os acadêmicos, em uma linguagem acessível. No terceiro bloco, vivenciamos a experiência musical dos próprios estudantes, suas vivências culturais na realidade em que vivem. O quarto e último bloco foi nossa culminância, quando apresentamos os produtos de nossa aventura didático-cultural.

### a. BLOCO 01: Ideias Introdutórias

Nesse momento, foram apresentadas informações sobre as revoluções e tentativas de independência de Pernambuco, até antes mesmo dessas ideias constituírem um movimento nacional, o que despertou o interesse dos alunos sobre a história de pura resistência, presente no povo pernambucano, e a diversidade cultural, devida, principalmente, à pluralidade de povos que fizeram parte de nossa formação social.

Sem excluir as influências europeias, destacamos a localização geográfica de Pernambuco, vista como estratégica pelos colonizadores e, por isso, com grande convergência econômica e cultural. Buscou-se dar mais ênfase às

referências dos povos originários indígenas e a sua presença prévia à chegada das cortes de Portugal e Holanda; assim como às do povo de origem africana, trazido ao Brasil escravizado. Durante esse momento, foi possível instigar diversos tipos de debates sobre os processos de dominação e subalternização desses povos, inclusive, de seus lugares no mundo, no momento em que saíram do estado de escravizados para ‘livres’, levando-os a refletir sobre essa condição versus a realidade que realmente vivem.

É interessante pontuar que, ao passo que as informações foram colocadas e as discussões iniciadas, alunos, que antes não haviam se manifestado, começaram a mostrar identificação com o tema, ao retomar as suas próprias características e ancestralidades. Outros, que já se mostravam mais abertos à participação, evidenciaram como enxergavam esse movimento de formação populacional e a condição dos dias de hoje. As próprias desigualdades e diferenças de lugares que os povos periféricos ocupam, suas origens étnico-raciais também tomaram o debate e instigaram uma reflexão sobre eles próprios, já que, em sua maioria, são alunos de áreas marginalizadas da região metropolitana do Recife.

Em todo momento, durante a disciplina, buscou-se fugir da ideia comum, pontuada anteriormente, em que se privilegia pensadores europeus e a sua história (GROSFUGUEL, 2006). A partir dessa perspectiva, evidenciaram-se os demais grupos também como construtores centrais; como sujeitos importantes nos caminhos que resultaram no que somos hoje enquanto pernambucanos, brasileiros e latino-americanos.



## **b. BLOCO 02: O Movimento Mangubeat e sua contribuição cultural e ambiental**

Neste bloco nosso intuito era de aproximá-los de uma herança cultural que nos foi legada por alguém que viveu um espaço geográfico e uma realidade cultural muito próxima à dos próprios estudantes. Nesse processo, destacar a importância desses parâmetros em uma sociedade capitalista que busca a padronização social e desvaloriza as características locais, além dos aspectos ambientais tão específicos da cidade do Recife, cidade em que a escola está inserida, esta que remete ao segundo bloco da Eletiva.

Sobre esse momento, foi dada visibilidade ao Movimento Mangubeat, dando destaque a um rapaz periférico de Rio Doce, bairro do município de Olinda. Este que revolucionou a cena musical pernambucana, nacional e internacional, ao dar ênfase a características da cidade do Recife e a ritmos como o maracatu, que apresenta raízes africanas, por exemplo.

Apesar de sua relevância em nível mundial, quase 100% dos alunos não sabiam quem era Chico Science e Nação Zumbi. Muitos deles acabaram buscando músicas e tiveram interesse a partir do primeiro momento desse bloco que foi a apresentação de um documentário intitulado “Chico Science – Um caranguejo elétrico” (Figura 02). Dirigido por Eduardo Migliogi, com roteiro do jornalista José Teles, o documentário foi lançado no mesmo ano em que Chico completaria 50 anos. Nesse filme é contada toda a história de Chico e de sua subversividade, expressando a importância do grupo Nação Zumbi, ao chegar até a palcos de New York, a partir da visão de seus

familiares, amigos e outros artistas idealizadores e pertencentes ao movimento.

Muito do que foi visto durante o andamento do filme evidenciou como o movimento era pautado na contracultura dominante, fazendo críticas à exclusão social e ligando a biodiversidade do mangue ao multiculturalismo de Pernambuco, com o maracatu, o frevo, a ciranda, o caboclinho, além da soma de outros ritmos como rap, o pop, o hip hop e a música eletrônica.

Com o manifesto histórico mencionado no filme “Caranguejo com cérebro”, escrito por Chico, Fred 04 e Renato L, os autores trazem o símbolo da antena parabólica na lama e um caranguejo com antena.

Neste documento, encontra-se o conceito de mangue e a diversidade existente nesse ecossistema.

Figura 02 – Discentes no auditório da EREM Luiz Delgado assistem a filme sobre Chico Science e o movimento Mangubeat.



Fonte: a autora (2022).

Foram realizadas algumas interrupções com o intuito de chamar a atenção para alguns pontos. Um deles foi como Chico fazia referência à cidade do Recife e sua geografia, especialmente ao manguezal. Partindo desse aspecto, fez-se um trabalho de provocação e criaram-se pontes, com base na explanação das características, fazendo-os compreender e conhecer melhor os benefícios e privilégios de se estar em uma cidade cortada por rios e composta por um ecossistema tão rico.

Ao falar sobre a morte dos rios e o aterro dos estuários pelo avanço da urbanização, o Movimento Mangubeat contribuiu em demasia para instigar o debate e colocar em evidência esse aspecto ambiental. Com a ideia de desviar da depressão crônica provinda dessa realidade e recarregar as baterias da cidade, a proposta era injetar energia na lama e estimular a fertilidade nas veias do Recife, por isso a imagem ontológica da antena enfiada na lama.

Aqui se buscou a ênfase na valorização do pensamento crítico de um movimento pernambucano, indo de encontro a histórica subalternização do pensamento local (WALSH; OLIVEIRA; CANDAU, 2018). A ideia era, de fato, estreitar a relação entre o vivido pelos estudantes e o que foi discutido anos atrás por nós, dentro do nosso território, a respeito do nosso próprio povo, gerando identificação e reflexões sobre o contexto em que vivem.

A partir daí, geraram-se possibilidades para um processo de conscientização em relação a preservação dos rios e mangues dentro da cidade do Recife, especialmente quando colocada no debate toda a pressão urbana imposta a eles. Já em sala, foram instigados debates sobre como aumentar essa preservação. “Eu acharia legal fazer

campanhas nas escolas para que, desde adolescente, a gente pensasse em amar o mangue, professora” (Aluno 01).

Outro discente mencionou algo que se destacou: “Poxa, professora, eu sempre estou por perto do mangue, sempre tô andando pela rua da Aurora, usando a quadra de esporte e nunca parei pra ver e aproveitar o ar mais fresco ou as sombras que as plantas dão. Valeu por trazer isso pra nós” (Aluno 02).

Como dito anteriormente, o processo de construção de outra narrativa que busca ir além do monoculturalismo de ideias, da afirmação das próprias identidades e das criações culturais, só acontece com a conscientização dos povos locais em relação a isso (MACHADO; SEVERINO; SANTOS; TAVARES, 2018). Para tanto, é preciso um exercício como o que se buscou realizar no andamento da disciplina: a apresentação de um pensamento construído pelos sujeitos nascidos aqui, com vivências parecidas com as nossas, com base no seu conhecimento e em sua valorização, visando ao processo de libertação do pensamento crítico de novas gerações.

### **c. BLOCO 03: Música popular pernambucana e sua importância**

Nesse bloco, inicia-se um percurso importante para os alunos, especialmente quando se leva em consideração a realidade em que vivem. Salvo alguns dos estudantes, em sua maioria, o consumo musical e artístico se resume ao da moda, portanto foi extremamente interessante observar como eles se colocavam atentos ao conhecer ritmos e

personagens com que não tinham contato.

Na primeira aula, aproveitando as referências anteriores, foi trazido o maracatu, sua história e ancestralidade, uma manifestação religiosa e cultural, qualificada como *maracatu rural*, também chamado “maracatu de baque solto”, e *maracatu nação* ou “de baque virado”. O maracatu rural nasce na zona da mata e o maracatu nação em áreas periféricas do Recife, porém, ambos trazem características dos povos de origem indígena, africana e europeia.

No ritmo do coco, uma dança de roda que surgiu no Nordeste em meio aos plantios de cana-de-açúcar, com influências dos batuques africanos e bailados indígenas, também existem diferenças nos tipos e ritmos. Em razão dessas diferenças, temos: *coco de roda*, *coco de umbigada*, *coco de praia* e *embolada*.

Por meio desse conhecimento vivenciado, foi possível fazê-los perceber como a construção histórica de um povo gera heranças que permanecem, se fortalecem e devem se perpetuar por representar de maneira forte as características profundas de um povo.

O intuito era o de estreitar laços e, pensando nisso, um aluno do turno da manhã, estudante de percussão no conservatório de música de Pernambuco e integrante do grupo Maracatu Quebra Baque, Ismael, foi convidado para demonstrar como os ritmos, tanto no coco quanto no maracatu, se diferenciavam (Figura 03 e 04).

Figura 03 – Ismael demonstra as mudanças de ritmo do maracatu e do coco.



Fonte: a autora (2022).

Figura 04 – Ismael responde a perguntas dos alunos sobre as mudanças de ritmo do maracatu e do coco.



Fonte: a autora (2022).

Após as discussões sobre o maracatu e sua origem e a demonstração dos diferentes ritmos, uma das alunas presentes mencionou a origem africana

de sua família. Além disso, falou de sua experiência com o candomblé, religião afro-brasileira. É interessante pontuar que a estudante em questão não fala nas aulas, tanto na eletiva, quanto nas demais disciplinas lecionadas pela autora deste artigo. Esse momento específico foi um dos mais marcantes durante o semestre.

Ao falar sobre a ciranda e sua perspectiva coletiva, de abraçar a todos, jovens, adultos e crianças, em uma grande roda democrática, deu-se valor e a devida importância a Lia, mulher preta, rainha da ciranda, patrimônio vivo de Pernambuco, lá da Ilha de Itamaracá. As discussões em torno de como se tornou referência, a partir também da ajuda de vídeos do YouTube, fez todos perceberem, ou ao menos refletirem, sobre como a cultura popular vem do povo, por exemplo, de uma antiga merendeira de escola pública que hoje é considerada uma das celebridades da cultura pernambucana.

Em relação ao Cavalo Marinho, exibimos um vídeo sobre as suas características. O que mais chamou a atenção dos alunos foi a multiplicidade de personagens, o fato de ser um espetáculo popular, em que se condensam vários integrantes que interagem entre si, em um grande teatro dançante e musical. As cores, o brilhantismo e toda a história contada também foram questões pontuadas e discutidas.

Em outro momento, falou-se do ritmo que faz parte de todo Pernambuco e não tem como falar de festividade, alegria e cultura que vem do povo, sem falar em Frevo. Além do documentário que trouxe a história e toda a ancestralidade envolvida na origem desse ritmo tão importante para os pernambucanos, debateu-se sua

importância em contextos como “as troças” de Olinda.

Como foliã ardente e fã da resistência desses grupos, a autora deste artigo, pôde falar de suas experiências com o frevo e a troça do seu coração, Cariri Olindense, mencionando, também, o Elefante de Olinda, a Pitombeira dos Quatro Cantos, o Homem da Meia-Noite, a Ceroula, e blocos como o Eu Acho É Pouco, fazendo os alunos notarem que, assim como o Frevo, o carnaval é um movimento que se mantém vivo não só nos quatro dias de festa, mas também durante o ano todo.

Para finalizar esta etapa, a ideia foi fazê-los aproximar, também, de músicas mais contemporâneas e que tocam em muitos fones de ouvidos de jovens pernambucanos. Foram apresentados músicos e bandas como Nailson Vieira, cantor, instrumentista, estilista e líder do Maracatu Estrela Brilhante de Nazaré da Mata; a Banda Academia da Berlinda e seu Olinda Style, e alguns outros. Aqui foram colocadas músicas para serem ouvidas e muitos diálogos aconteceram sobre os ritmos e especificidades de cada um dos artistas ouvidos.

#### **d. BLOCO 4: Culminância**

A culminância das eletivas é um evento para a Escola. Todas as turmas apresentam os produtos que construíram após os cinco meses da disciplina. As ideias que surgiram acabaram resultando em um “Livro-Resumo’ (Figura 05, 06 e 07) dos conteúdos vistos no correr dos meses, e um cordel, literatura popular em verso, a respeito do “Protetor do Maracatu”, como forma de homenagem ao caboclo de lança, figura vibrante,



cheia de significados e muito importante para o maracatu rural.

Figura 05 – Alunos constroem o livro-resumo.



Fonte: a autora (2022).

Figura 07 – Capa livro resumo.



Fonte: a autora (2022).

Figura 06 – Alunos constroem o Livro-resumo.

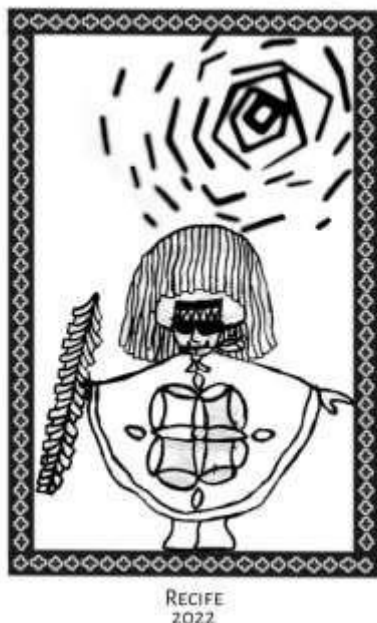


Fonte: a autora (2022)..

O cordel de 16 estrofes foi todo pensado em uma troca entre os alunos, que pesquisaram várias informações sobre as características do homenageado e seu papel no Maracatu, e a docente, ao traduzir essas ideias em uma ordem que se encaixasse nas regras dessa literatura popular. A arte da capa, inclusive, foi feita por um aluno participante que tem o sonho de ser design e contribuiu com cada detalhe para que o resultado fosse o melhor possível (Figuras 08 e 09)

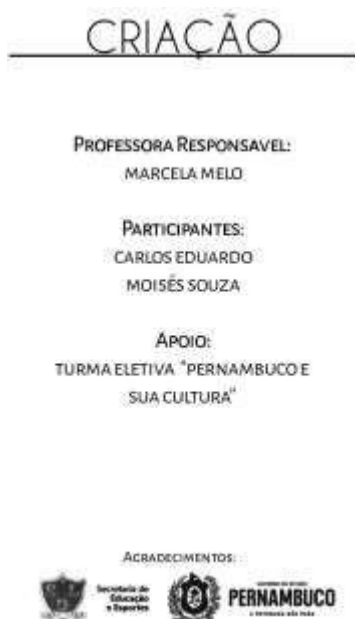
Figura 08 – Capa cordel.

## Protetor do Maracatu



Fonte: a autora (2022).

Figura 09 – Contracapa cordel.



Fonte: a autora (2022).

Por fim, segue o resultado do cordel desenvolvido:

Na cultura de Pernambuco  
Ele surge na área rural  
Brilhando entre as pessoas  
E entre o milharal  
Do maracatu que tudo vê  
Alegra o meu, o seu carnaval

Marca o povo da zona da mata  
Esse povo forte, participante  
Com suas vestes estonteantes  
E figura folclórica importante  
Leva cor com sua presença  
Além de sua arte dançante

No chapéu, fitas multicoloridas  
Nelas trazem representatividade  
Na boca o cravo branco  
Protegendo-o da negatividade  
Na lança, a força  
Na gola, cores e criatividade

A fofa, calça com franja  
Também compõe suas vestes  
O surrão faz barulho nas ruas  
Causando uma zoadá da peste  
Os óculos trazem a visão  
Tá ligado, é o Nordeste

Pra uns Lanceiro Africano  
Para outros Caboclo de Guiada  
Não importa os nomes  
A figura é chamada  
Tem também Guerreiro de Ogum  
Fazendo uma mistura danada

Para se proteger  
Usa galho de arruda e flor,  
Para espantar maus espíritos  
tudo o que for  
E o que vier de mal

Ele devolve com amor

Tudo isso em meio a uma festa  
Que é o maracatu rural  
Situado na zona da mata  
Faz homem brabo ficar no grau  
Chama todos para a brincadeira  
Pois a festança é sem igual

De raízes africanas  
Surge no século XVIII  
Lá no Brasil-Colônia  
Também chamado de baque solto  
Manifestação que envolve  
E deixa todo mundo afoito

Ao som das baianas  
Em seu coro forte  
Arrebata os corações  
E dá norte  
Faz todo brasileiro  
se emocionar ao ouvir o toque

As danças expressivas  
Relembra os ancestrais  
No candomblé se inspira  
Com seus rituais  
A espiritualidade leva  
E o ritmo traz

Não importa sua idade  
Não importa sua cor  
Maracatu está aqui  
Para mim, tu e teu avô  
Em uma mistura linda  
Entre Brasil e África iô iô

O toque dos tambores  
Na percussão  
Faz o maracatu pulsar  
Incendeia meu coração  
No ritmo do ganzá  
Me deixa levar pela canção

Gonguês, taróis e alfaias  
Todos os sons como chamadas  
Trombones e cornetas  
Também compõem a trama

Em meio ao teatro  
De deusas africanas

A rainha e sua corte  
E o guerreiro de lança  
Unem suas forças  
Para enfrentar a  
intolerância Nesse Brasil  
ignorante Usam o ritmo e a  
dança

Embora queiram derrubar  
Ele permanece forte  
Com ou sem investimento  
O maracatu é o suporte  
Que carrego comigo  
Até o dia da minha morte

E nesse clima de união  
Eu termino a minha rima  
De uma história resistente  
Mas também muito florida  
E que o maracatu nunca se acabe  
Pois a história não pode ser esquecida

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do debate pós-colonial contribuiu para direcionar a construção da disciplina e mediar discussões que pudessem despertar esse sentido nos estudantes. Especialmente ao considerar o contexto periférico da maioria deles e como é essencial, diante disso, trazer discussões que os façam enxergar além dos muros impostos pelo eurocentrismo.

A partir das conversas e reflexões, questões como ancestralidade, origem do povo brasileiro, o valor da cultura popular, a resistência pernambucana, até religiões afro-brasileiras foram colocadas em evidência, pensadas e discutidas pelos alunos. Estes que, em muitos momentos, se identificaram e expuseram o que pensavam a partir da visão e experiência de vida que

carregam.

A perspectiva de supervalorização da cultura popular pernambucana orientou diretamente a condução dessa disciplina e gerou frutos inesquecíveis, não só para os alunos, mas principalmente para a professora, que pôde observar de perto nuances e mudanças reais na forma como muitos pensavam.

E como diz Chico Science e replicou um dos estudantes participantes: “Um passo à frente e você já não está mais no mesmo lugar”. Portanto, se hoje existe um movimento contra-hegemônico dos povos dos países colonizados, apagados e silenciados, é necessário também trazer esse movimento para a sala de aula e para as escolas de ensino básico, aqui no Brasil, colocando-o também no centro desse processo.



## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA NOTÍCIAS. **Veja um diagnóstico com os principais problemas enfrentados no ensino médio.** 2016. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/noticias/499\\_123-veja-um-diagnostico-com-os-principais-problemas-enfrentados-no-ensino-medio/](https://www.camara.leg.br/noticias/499_123-veja-um-diagnostico-com-os-principais-problemas-enfrentados-no-ensino-medio/) Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso 12 nov. 2022.

BRASIL. Plano Nacional de Educação(PNE). **Lei Federal n.º 13.005/2014**, de 9/01/2014. Brasília: MEC, 2014. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm) Acesso em 02 jan. 2023.

BRASIL. TCU. **Diagnóstico da educação.** Brasil, 2015. Disponível em <https://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8182A15AB466A1015AB96B58C230EC> Acesso em 15 jan.2023.

BRASIL. MEC. **Novo Ensino Médio – perguntas e respostas.** 2016a. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#:~:text=A%20mudan%C3%A7a%20tem%20como%20objetivos,Nacional%20Comum%20Curricular%20\(BNCC\)%3F](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#:~:text=A%20mudan%C3%A7a%20tem%20como%20objetivos,Nacional%20Comum%20Curricular%20(BNCC)%3F). Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. MEDIDA PROVISÓRIA. **Altera as Leis n º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2016b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015\\_018/2017/lei/113415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015_018/2017/lei/113415.htm) Acesso em: 23 jan. 2021.

BRASIL. Lei nº. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro**, Brasília DF, 2017. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/113415.htm) Acesso em 03 jan 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra, São Paulo, 1996.

GROSFUGUEL, R. La escolonización de la economía-política y los estudios poscoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. **Tábula Rasa**, Bogotá, n. 4, p. 17-48, 2006. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero04/la-descolonizacion-de-la-economia-politica-y-los-estudios-postcoloniales-transmodernidad-pensamiento-fronterizo-y-colonialidad-global/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

MACHADO, A. M. N.; SEVERINO, A.J.; SANTOS, E.; TAVARES, M. Pensamento decolonial e interculturalidade na América Latina: desafios para a educação. **Eccos Revista**, Universidade Nove de Julho, n. 45, p. 11-18, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/715/71557480002/html/>. Acesso em: 23. jan.2023.

OLIVEIRA, K. L. S.; OLIVEIRA, G. K. A. P. A. Educação freiriana pelas lentes do anticolonialismo e dos estudos pós-coloniais e decoloniais. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 57-68. 2022. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/eflex/index>. Acesso em: 06 fev. 2023.

OLIVEIRA, M. M. **Sequência didática interativa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PENNA, C. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de estudos & pesquisa sobre as Américas**, v. 8, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rep>.

PINTO, S. N. DOS; MELO, S. D. G. Mudanças nas Políticas Curriculares do Ensino Médio no Brasil: repercussões da BNCC/EM no currículo mineiro. **Educação em Revista**, v. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/gHjF9n8vLqPrwzCHb8zzKYB/>. Acesso em: 25. jan. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas Latinoamericanas. Clacso, Buenos Aires, p. 116-142. 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Novos Estudos**, v. 79, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc>. Acesso em: 26 jan. 2023.

SILVA, K. C. J. R.; BOUTIN, A. C. Novo ensino médio e educação integral: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. **Revista Científica Latina**. Santa Marina, vol. 43, núm. 3, p. 521-534, Julho- Setembro 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117157485009>. Acesso em: 22 jan. 2023.

SILVEIRA, J. I.; NASCIMENTO, L. S.; ZALEMBESSA, S. Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: para refletir sobre os desafios da educação em direitos humanos. **Educar em Revista**, v. 37.2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/X3D3CtSHRk4kKkTfC9HGbHF/> Acesso em: 25 jan. 2023.

WALSH, C.; OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Arquivos analíticos de Políticas educativas**, v.36, n. 83, 2018. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874>. Acesso em: 02 fev.2023.